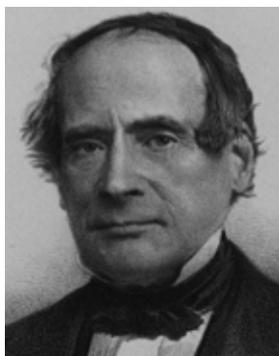


# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**DENIS, Jean Ferdinand** (Paris, 1798 - Paris, 1890)

Ferdinand Denis era filho de Joseph-André Denis, um funcionário francês cujo domínio das línguas muito o influenciou. O seu pai desempenhou a função de intérprete-jurado do Conseil des Prises Maritimes e, de forma intermitente, da secção política do ministério francês dos Negócios Estrangeiros (então dirigido por Talleyrand). Denis estudou em casa a língua turca, na tentativa de se preparar para entrar na École des Jeunes de Langues (futura Escola de Línguas Orientais), entrada essa que não se concretiza, nem em 1810, nem em 1813. Como afirma Léon Bourdon, um dos seus biógrafos, a família Denis era então dotada de fracos recursos económicos, mas habitava na aristocrática da margem esquerda do Sena (*Lettres familières et Fragment du Journal intime de Ferdinand Denis à Bahia...*, 1957, pp. 145-148). O pai mantinha uma biblioteca bem provida de obras iluministas e recebia homens de letras e de ciência, entre eles o português Filinto Elísio, que Bourdon indica ter dado ao jovem Ferdinand lições de português. A sua formação intelectual de literato autodidacta foi marcada pela confluência de diferentes disciplinas (entre elas, a literatura, a história, a geografia, a etnografia e a linguística), bem ao gosto da época e resultou numa abrangente perspectiva crítica da cultura do seu tempo. Como já foi escrito, embora Denis fosse «Destinado à carreira diplomática, preferiu o estudo das línguas e o viajar pelo Mundo», paixões típicas do homem romântico, embora pouco rentáveis a curto e médio prazo (A. de Oliveira, «Denis (Ferdinand)», *Verbo – Enclopédia Luso-Brasileira...*, vol. 8, 1999, coluna 1238). Com a queda do Império, o jovem Ferdinand procura sustento próprio no Oriente, partindo para o Brasil, em busca de um navio que o levasse à Goa portuguesa. Porém, o que se esperava ser uma permanência de semanas no Rio de Janeiro e na Baía prolonga-se por dois anos (1817-19), tornando-se numa entusiástica paixão pelas paisagens deslumbrantes de um território praticamente virgem. As suas cartas e diário exprimem as primeiras ideias e tentativas de se exprimir literariamente. O contacto com a realidade brasileira, dura em termos sociais e políticos (ocorre então a revolta republicana de Pernambuco), mas entusiasmante quanto à literatura e à história, vai ditar o futuro de um jovem que, aspirando a uma carreira diplomática, irá antes dedicar grande parte da vida à descoberta, estudo e edição de manuscritos em português e castelhano. Com o ardor (e o espanto, nascido da observação directa) de quem desbrava universos culturais pouco conhecidos para



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

além das fronteiras do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, ainda antes da sua maioridade, Denis publica *Le Brésil, ou histoire, moeurs, usages et coutumes de ce royaume* (em 6 vols., Paris, 1821-22), em colaboração com Hyppolite Taunay, filho do célebre pintor Taunay que fez parte da missão artística francesa no Brasil. Sabe-se que esteve em Portugal e Espanha, provavelmente durante o período de regimes liberais nos dois países (1820-23). Volta a publicar obras sobre a América do Sul em 1823 (*Buenos Aires et le Paraguay*) e 1825 (*Résumé de l'histoire du Brésil*, adoptado pouco depois nas escolas brasileiras). Conforme nasce a jovem nação brasileira, o interesse pela respectiva identidade cultural e histórica na Europa cresce juntamente com a carreira literária de Denis.

Em 1826, quando em Portugal D. Pedro IV outorga a Carta Constitucional, Denis edita um *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi de l'histoire littéraire du Brésil*. Apesar da sua juventude, o autor já consegue tecer algumas considerações informadas sobre «a escrita de histórias literárias europeias» e sobre a escassez de diversas obras portuguesas referidas por Sismondi (e de que Schaefer se queixaria uma década depois), as quais, no seu caso, teria conseguido ultrapassar devido a alguns «amis des lettres» (pp. VII-VIII e XXII-XXIII). Termina a introdução com o desejo de que o seu livro seja útil aos leitores: «puisse-t-il donner le désir d'étudier la littérature d'un peuple que ses institutions ont rendu en peu de temps si intéressant pour le reste de l'Europe!» (p. XXV). A obra está dividida de forma desigual, o que é lógico, se compararmos a antiguidade da literatura portuguesa com o carácter recente da sua congénere brasileira. Assim, 34 capítulos são dedicados à literatura portuguesa. Refere-se a realidades muito recentes, como a fundação da Academia das Ciências de Lisboa, em 1779 (cap. XXX). Os oito capítulos finais são dedicados ao Brasil. A história literária portuguesa está dividida em cinco períodos, compreendendo o primeiro os séculos XIV e XV e o último terminando com a morte de Filinto Elísio, já no século XIX, o que constitui uma inovação, segundo o autor, por incluir um período adicional, imediatamente posterior à morte de Camões, que considera ainda intocado pela decadência da poesia portuguesa (pp. IX-XVIII).

Ferdinand Denis torna-se em breve um literato ou escritor perfeitamente integrado no mundo intelectual e livreiro de Paris, colaborando em revistas literárias e nos respectivos projectos editoriais, geralmente enciclopédias ou antologias literárias, algumas dedicadas à Península Ibérica (como *La Péninsule: tableau pittoresque de l'Espagne et Portugal*). O seu nome é sinalizado entre vários colaboradores de renome dessa publicação, como a duquesa de Abrantes, Laborde, Nodier, Bory de Saint-Vicent, Merimée, Vigny, Dumas, Silvestre Pinheiro Ferreira e outros (Visconde de Santarém, *Inéditos...*, 1914, p. 72). Até muito tarde na vida, não parece ter tido uma outra profissão ou sustento. Em 1833 contribui para a colecção especializada *Chefs d'Oeuvres Étrangères... traduits en Français* com o volume dedicado a alguns dramaturgos portugueses e em 1837 faz o mesmo para a colecção *L'Univers Pittoresque* com um volume dedicado ao Brasil, estando, no início da década seguinte, encarregue de redigir o tomo dedicado à realidade portuguesa. No mundo



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

germânico, recorde-se, Schaefer encarregava-se dos volumes dedicados a Portugal e Espanha de uma história dos estados europeus.

Em 1838 foi nomeado bibliotecário da Biblioteca de Santa Genoveva, em Paris e, três anos depois, conservador da mesma instituição, o que significa uma viragem profissional significativa. Prosseguia a sua veia de pesquisador de documentos, sinalizando (em 1837) a existência, na Biblioteca Régia de Paris, do manuscrito da *Crónica da conquista da Guiné*, de Gomes Eanes de Zurara. Dois anos depois seria também bibliotecário do ministério da Instrução Pública.

A publicação, em 1839, da sua obra em dois volumes, *Chroniques chevaleresques de l'Espagne et du Portugal...*, provocou um impacto insuspeitado na literatura e nos estudos históricos dedicados a Portugal e à respectiva realidade cultural. Trata-se de uma antologia de fontes originais, medievais e renascentistas, de crónicas e dramas à moda romântica, como as cultivavam Alexandre Herculano, Almeida Garrett e Castilho. Tal como Schaefer, com a sua *Geschichte von Portugal* (1836-39), procurava chamar a atenção da Europa para a rica história institucional, política e diplomática portuguesa, Denis obtinha êxito em demonstrar que na Península Ibérica havia uma riquíssima literatura, capaz de saciar a sede europeia por emoções fortes e narrativas genuínas. Escreve, na introdução da obra: «S'il est en effet une source nouvelle d'émotions ardentes, de sensations inattendues, de révélations curieuses, c'est dans les vieilles chroniques de la Péninsule qu'il faut aller les chercher. On parle sans cesse de ces livres à demi oubliés, on les cite chaque jour, on va même jusqu'à les admirer sur parole; on ne les connaît pas» (*Chroniques chevaleresques de l'Espagne et du Portugal...*, I, 1839, p. I).

É também nessa obra que Denis causa sensação com a redescoberta, após séculos desaparecido, do manuscrito da *Crónica da Conquista da Guiné*, com que irá marcar para a posteridade o surgimento da figura e da obra do infante D. Henrique (*Idem*, volume II, pp. 43-53). Embora não tenha sido Denis quem publicou ou comentou a obra – seria o visconde de Santarém a fazê-lo – esse e outros feitos deste «francês por nascimento e português pelo coração», como lhe chamaria o seu amigo António Feliciano de Castilho, já mereceriam de Portugal um reconhecimento oficial, pelo árduo trabalho de mais de uma década em prol da divulgação das riquezas e tesouros da cultura portuguesa (Henrique de Campos Ferreira Lima, *Cartas dirigidas pelo conde de Raczynski a Ferdinand Denis...*, 1932, p. 21).

Tanto assim que logo em 1829 e 1835 Castilho procurava que Denis fosse admitido como sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, o que só se irá concretizar muitos anos depois, em 1855. Nos finais da década de 1820 e princípios da de 1830, a actividade da Academia estava praticamente estagnada e, em pleno reinado de D. Miguel, não demonstrava qualquer espécie de capacidade de abertura ao exterior e a novas formas de produção cultural. Recorde-se que durante muito tempo a historiografia portuguesa não conhecia inovações relevantes para além da tradição diplomática e erudita, oriunda de finais do século XVIII: só em 1846 Herculano publicará o primeiro volume da sua *História de Portugal*, cujos



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

tomos seguintes, aliás, serão duramente criticados por alguns membros da própria Academia, anos depois, a propósito do Milagre de Ourique. O mesmo Castilho noticia, em 1842, a oferta de um exemplar das *Chroniques Chevaleresques...* a D. Maria II, sugerindo discretamente a possibilidade de que o autor recebesse uma comenda, o que sucede em Setembro de 1843, quando foi agraciado com a Ordem da Conceição (*Revista Universal Lisbonense*, vols. II, 18/8/1842, nº 46, pp. 544-45 e III, 14/12/1843, nº 17, p. 206).

Já por várias vezes Denis entrara em rota de colisão com alguns autores portugueses. Um deles foi Almeida Garrett, que o autor francês acusará três vezes de o plagiar nas ideias e nos textos. Duas delas ocorreram em 1826, quando Denis afirmou que Garrett lhe copiara ideias, primeiro em *Camões* (1825), a partir da obra *Scènes de la nature dans les tropiques et de leur influence sur la poésie; suivies de Camoens et Jozé Indio* (1824); depois em *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa*, de 1826, a partir da obra *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal...* Em 1839, na 2ª edição de *Camões*, Garrett pede desculpa pelo sucedido. O que não impede que uma terceira situação surja, em 1844, aquando da publicação de *Frei Luís de Sousa*, que Denis afirma ser baseado no seu romance de 1835, em dois volumes, *Luiz de Souza* (José da Silva Terra, «Os emigrados liberais portugueses em França», 1983, pp. 330-335). Se Castilho secunda Denis nas suas acusações, já no século XX alguns dos mais autorizados estudiosos da questão relativizam a importância do assunto; foi o caso de Georges Le Gentil (Henrique de Campos Ferreira Lima, *Cartas dirigidas pelo conde de Raczynski...*, p. 22 e n. 1) A questão está, aliás, hoje em dia, reduzida à devida proporção, especialmente depois da clássica reconstituição dos processos da criação literária garrettiana, levada a cabo pela Professora Ofélia Paiva Monteiro em *A Formação de Almeida Garrett. Experiência e Criação* (Coimbra, 1971, 2 vols.) O seu real significado deve ser reconduzido a hábitos culturais da época, formas de inspiração e escolhas estéticas, especialmente sensíveis quando se tratava de delinear caminhos de inovação, como era manifestamente o caso de Garrett. Além disso, não estava desligada de problemas de relação e solidariedades pessoais. Como se sabe, as referências de Garrett à obra de Castilho estavam longe de ser entusiásticas. Em suma, tais contendas não devem ser confundidas com plágio, no sentido que a palavra tem hoje.

Também não parecem ter sido fáceis as relações de Denis com outro português exilado, o visconde de Santarém. O ex-ministro dos Negócios Estrangeiros de D. Miguel, que entretanto se dedicara de corpo e alma ao estudo das antiguidades portuguesas em Paris, ao aperceber-se da importância do manuscrito descoberto por Denis em 1837 e publicado em 1839, procurou, em finais deste último ano e início do seguinte e em colaboração com o representante oficial de Portugal em França, o visconde da Carreira, copiar integralmente o texto. Porém, não foi pedida autorização formal à comissão conservadora dos manuscritos da Biblioteca Real de Paris e ao ministério francês da Instrução Pública. Denis, naturalmente,



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

não gostou da manobra subreptícia dos portugueses, que mesmo assim conseguiram levar avante o projecto de publicação da *Crónica da Conquista da Guiné* em 1841.

Também o historiador e geógrafo luso-brasileiro Varnhagen, então em Lisboa, não apreciou o secretismo com que em Paris se copiou, estudou e imprimiu o manuscrito, sem se dar conhecimento formal à Academia das Ciências (da qual era um entusiasta e prolífico membro correspondente), reproduzindo em alguns dos seus textos certas críticas dirigidas ao visconde de Santarém, a propósito de Zurara e da sua principal obra (*Revista Universal Lisbonense*, nº 3, de 14/10/1841, pp. 34-36). Santarém e Varnhagen estavam então em fases diferentes dos respectivos percursos de historiadores e geógrafos, o que é natural, dada a diferença de idades entre ambo (25 anos). Já desde 1839 que criticavam mutuamente as respectivas produções relativas à geografia, fontes e factos históricos do Brasil, sobretudo no que dizia respeito à fiabilidade e veracidade das viagens de Américo Vespúcio. Ambos buscavam, em 1839-1840, sair de um relativo anonimato e projectarem-se universalmente, por intermédio da publicação, integral e comentada, de um documento histórico inédito, central na cultura histórica portuguesa: a mais conhecida das obras cronísticas de Zurara, directamente ligada à imagem e memória do infante D. Henrique. Ao consegui-lo, o visconde de Santarém associa assim o seu nome a um documento histórico que em breve vai estar intimamente ligado com a atitude política de mobilizar recursos documentais e críticos para salvaguardar o prestígio dos descobrimentos portugueses; e, simultaneamente, acautelar direitos territoriais, historicamente legitimados, na África Ocidental, em resposta às pretensões e ocupação territorial, por parte da França, de Casamansa.

Por seu lado, em 1841 Denis demonstrava novamente ao mundo europeu o seu interesse pela cultura portuguesa, publicando *Camoens et ses contemporains*, prefácio de uma nova edição em francês dos *Lusíadas*. O público leitor já se habituara, de resto, a procurar conhecer melhor certas figuras primordiais da história portuguesa e brasileira, nos artigos biográficos que publicava na obra colectiva *Nouvelle Biographie Générale*.

Mas o seu principal e mais duradouro legado para a cultura portuguesa foi, indiscutivelmente, *Le Portugal Pictoresque*, de 1846. Num único volume e sem divisão de matérias em capítulos (mas sim em parágrafos, não numerados), Ferdinand Denis analisa os principais factos da história de Portugal, desde os tempos do conde D. Henrique até à reforma pombalina da Universidade de Coimbra, em 1772. Seguem-se páginas dedicadas à geografia, estatística, arte e monumentos nacionais do século XIX e uma conclusão que resume os mais recentes dados históricos, de 1807 a 1834, com interessantes comentários e indicações bibliográficas sobre os dramáticos acontecimentos políticos de 1828 a 1834. Obra compacta, dotada de um útil índice remissivo de temas e autores citados e de gravuras ilustrativas, escrita numa linguagem simples, foi fruto de um contínuo esforço criativo e de recolha e compilação de fontes, por parte do autor, ao longo de mais de duas décadas. Publicada em fascículos, conheceu quase de imediato uma



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

tradução para português, num fenómeno editorial de instantâneo sucesso, com o título e subtítulo de *Portugal Pictoresco ou descrição histórica deste reino*, em cinco volumes (1846-1848). Como foi possível que um trabalho organizado num único volume, em francês, passasse a vários na língua portuguesa? A edição portuguesa contém a menção «Publicada por uma Sociedade», isto é, por um grupo de estudiosos ou literatos que trataram de a adaptar para o novo Portugal liberal, dividindo-a de um modo mais prático, acrescentando um quarto volume dedicado a monumentos artísticos e arqueológicos, localidades e tradições culturais (à maneira de um guia ou roteiro turístico) e mesmo um quinto volume, consagrado à narração dos mais trágicos episódios da inquisição nacional. Esta concepção folhetinesca e popular da divulgação histórica e cultural francesa está presente, de resto, no volume da edição original, a qual parece resultar sobretudo numa colecção de episódios e narrações históricas e literárias, de fontes diversas, mesmo de textos anteriores do autor (por exemplo o prefácio sobre Camões, que publicara em 1841).

Mesmo assim, não parece despendendo reflectir sobre a importância da publicação, em Paris, de uma obra que, descrevendo de forma ligeira e pitoresca os factos e episódios principais da história de Portugal, destaque a temática da inquisição, que Alexandre Herculano exploraria anos depois. Aliás, tanto na edição francesa quanto na portuguesa, são feitos vários elogios ao jovem autor português e transcritas passagens da sua obra, que nesse mesmo ano começava a ser publicada. Enquanto Herculano desenvolvia uma linha erudita, de influência germânica na sua orientação metodológica, seguindo os passos de Schaefer dados na década anterior, Denis reforçava e apontava um caminho alternativo, o de uma história popular, descritiva e não problematizante, recheada de episódios narrativos singulares à Thierry – ou, como sucedera em obras anteriores, de fontes literárias e dramáticas. Esta segunda concepção de escrita histórica será acolhida com tal entusiasmo que Pinheiro Chagas vai ter, décadas depois, um papel preponderante na publicação de uma *História de Portugal desde os tempos mais remotos até à actualidade escrita segundo o plano de F. Denis* (1867-74).

Por todo este conjunto de razões e, sobretudo, por ser erudito e utilizador exímio de fontes literárias, poéticas e de outras áreas culturais, Ferdinand Denis acaba por não representar uma ruptura total com um passado historiográfico mítico de tradições político-institucionais de Antigo Regime, tal como o fizeram Schaefer e Herculano. Mantém, assim, o silêncio sobre o carácter mitológico do milagre de Ourique; procede à reprodução parcial do *auto* das cortes de Lamego; considera D. Afonso Henriques como principal agente na obtenção da independência (e não a sua nobreza, como fará Herculano). Demora-se no estudo alargado da Idade Média e da Idade Moderna, nos seus principais factos políticos, militares, literários, alargando o conceito de história, abrindo-a «a áreas até aí desprezadas» e a novas perspectivas gerais (Sérgio Campos Matos, *Historiografia e memória Nacional...*, 1998, p. 234), seguindo a leitura histórica de Herculano nas *Cartas sobre a História de Portugal*, mas nunca deixando de ser um divulgador cultural. Redige uma história enciclopédica de Portugal, não inovando, antes enriquecendo o conhecimento histórico



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

com passagens escolhidas dos melhores autores, crônicas e estudiosos da matéria. Há muito deslumbrado com a expressão escrita do que identificava como a originalidade cultural portuguesa, empenha-se na «recuperação da memória de heróis esquecidos» da expansão ultramarina portuguesa, acentuando a importância da *Crónica da Guiné*, transcrevendo e comentando largas passagens de Zurara (Ferdinand Denis, *Portugal pictoresco...vol. I*, 1846, pp. 141-147).

Por esta ordem de razões, Ferdinand Denis acaba, assim, por não integrar o movimento colectivo que consagrou uma visão empenhadamente liberal da história portuguesa, que surge por ocasião da revolução de 1820, e que tem em José Liberato, Almeida Garrett e Alexandre Herculano alguns dos seus cultores mais conhecidos; movimento que ainda hoje define determinadas ideias de nação, progresso, decadência, uma idade de Ouro no passado português (séculos XV e XVI) e uma antevisão optimista de futuro para Portugal, graças ao culto das ciências, das letras e da história como meio de reconciliação e regeneração nacionais.

Denis, embora mais velho do que Herculano e Garrett, acaba tanto por lhes abrir caminho para uma determinada leitura geral, romântica e literária da história portuguesa, como por prosseguir o caminho que ambos alargaram. Nomeadamente, com a edição portuguesa da sua obra referente a um Portugal *pictoresco*, assim definido pelas suas tradições culturais, morais e políticas, pela riqueza da sua produção material e intelectual, que urgia conhecer e respeitar, no seio de uma Europa de nações livres e cultas. Mas também pela narração em parágrafos, não em capítulos, dessa mesma realidade histórica e cultural. Em resumo, a obra e a figura do autor francês conheceram larga repercussão na cultura histórica portuguesa entre o público leitor e a comunidade intelectual tanto em Portugal quanto no Brasil. Ao longo de décadas sucessivas, Varnhagen, Castilho, D. Pedro II do Brasil e o conde Raczynski foram seus amigos pessoais e correspondentes epistolares; Ramalho Ortigão e Júlio de Castilho visitaram-no em Paris, em 1868 e 1881; Francisco Freire de Carvalho e Teófilo Braga referiram o seu papel crucial de estudioso e divulgador da literatura portuguesa (Afonso Arinos de Melo Franco, *Algumas cartas copiadas no arquivo de Ferdinand Denis*, 1943, *passim* e Álvaro Manuel Machado, *Les romantismes au Portugal...*, 1986, pp. 383 e 394). Após a morte de Garrett (1854), a Academia das Ciências acolheu Denis como seu sócio estrangeiro, a 10 de Maio de 1855.

Ferdinand Denis, que em 1865 se tornou administrador da Biblioteca de Santa Genoveva, deixou na instituição um cunho pessoal e um diário manuscrito referente aos anos de 1830 a 1848, onde se referia ironicamente a «muitos homens de letras do seu tempo», como Vigny, Chateaubriand, Hugo e Michelet, mas também (naturalmente) a Garrett e ao visconde de Santarém.

Em Portugal, a partir de 1846, Denis constituía um modelo claramente influente na dinamização de estudos artísticos, literários e históricos para uma geração nova de figuras cruciais da época, como D. Fernando II, Herculano, Raczynski e Juromenha – e Varnhagen, então já em Espanha. Ainda publicaria



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

outros títulos até praticamente à sua morte (entre elas, *Une fete brésilienne célébrée à Rouen en 1550*, em 1850), nonagenário, tendo sido obrigado a aposentar-se, pouco antes, da Biblioteca de Santa Genoveva. Permanecerá, para todo o século XX, como o incontestável patrono dos estudos portugueses em França, influenciando várias gerações de lusófilos franceses, como Georges Le Gentil, Léon Bourdon e Jean du Pins, alguns deles com trabalhos publicados pela Fundação Calouste Gulbenkian em Paris.

O modelo aplicado por Denis no estudo das fontes e numa visão pitoresca e popular da História de Portugal seria seguido também em Portugal, dos finais do século XIX ao primeiro terço do século XX, por figuras como Teófilo Braga, Pinheiro Chagas e Barbosa Colen, naturalmente com acesso a outras ferramentas intelectuais e socorrendo-se de outras fontes, então desconhecidas. O principal legado de Denis foi assim, o de uma ideia de história popular, divulgada em fascículos, mas de sólida base científica, aberta a um público mais generalista, cultivando curiosidades e aspectos anedóticos da história portuguesa, mas ao mesmo tempo clarificando pontos obscuros e dando acesso a uma visão agregadora de conjunto.

**Bibliografia activa:** *Le Brésil, ou histoire, moeurs, usages et coutumes de ce royaume* (em colaboração com Hyppolite Taunay), 6 vols., Paris, Nepveu, 1821-1822; *Résumé de l'histoire du Brésil*, Paris, 1825; *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi de l'histoire littéraire du Brésil*, Paris, Lecoq et Durey, 1826; *Chefs d'Oeuvres Étrangers... traduits en Français*, Paris, Chez l'Avocat, Libraire, 1833; *Brésil Pictoresque*, Paris, Firmin Didot Frères, Editeurs 1837; *Chroniques chevaleresques de l'Espagne et du Portugal, suivies du Tisserand de Ségovie, drame du XVIIe siècle, publiées par Ferdinand Denis, bibliothécaire de l'Instruction publique*, Paris, Ledoyen, 1839; *Camoens et ses contemporains*, Paris, Librairie de Charles Gosselin, 1841; *Le Portugal Pictoresque*, Paris, Firmin Didot Frères, Editeurs, 1846 (*Portugal pictoresco ou descrição histórica deste reino. Por M. Fernando Denis. Publicada (sic) por uma sociedade*, Lisboa, Tipografia de L.C. da Cunha, 1846-1848, 5 vols.); FRANCO, Afonso Arinos de Melo, *Algumas cartas copiadas no arquivo de Ferdinand Denis*, Coimbra, Coimbra Editora, 1943 (separata de *Brasília*, vol. II); BOURDON, Léon, *Lettres familières et Fragment du Journal intime de Ferdinand Denis à Bahia (1816-1819)*, Coimbra, Coimbra Editora, 1957.

**Bibliografia passiva:** GENTIL, Georges Le, «Ferdinand Denis, iniciador dos estudos portugueses e brasileiros», *Biblos (Revista da Faculdade de Letra da Universidade de Lisboa)*, vol. IV, tomos VII e VIII, Coimbra, Oficinas da «Coimbra Editora», 1928, pp. 293-323; LIMA, Henrique de Campos Ferreira, *Cartas dirigidas pelo conde de Raczynski a Ferdinand Denis. Prefaciadas e anotadas por...*, Lisboa, 1932 (separata da *Revista História*); MACHADO, Álvaro Manuel, *Les romantismes au Portugal. Modeles étrangers et orientations nationales*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, 1986; MATOS, Sérgio Campos, *Historiografia e Memória Nacional no Portugal do século XIX (1846-1898)*, Lisboa, Edições

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Colibri, 1998, *passim* (mas sobretudo as pp. 78, 90-91, 150-151, 214, 234-70, 316 e 409); MELLO, Cristina, "Denis (Ferdinand)", *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol.2, Lisboa, Editorial Verbo, 1997, colunas 33-35; OLIVEIRA, A. de, «Denis (Ferdinand)», *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura (Edição século XXI)*, vol. 8, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 1999, coluna 1238; TERRA, José da Silva, «Os emigrados liberais portugueses em França», in *Les Rapports culturels et littéraires entre le Portugal et la France (Actes du Colloque. Paris, 11-16 Octobre 1982)*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, 1983, pp. 323-338; TORGAL, Luís Reis Torgal, «A história de Portugal vista de fora», in Luís Reis Torgal, José Maria Amado Mendes e Fernando Catroga, *História da História em Portugal (séculos XIX-XX)*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996, pp. 345-347.

Daniel Estudante Potássio



APOIOS:

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

**BNP**  
BIBLIOTECA  
NACIONAL  
DE PORTUGAL

**FUNDAÇÃO  
LUSO-AMERICANA**